

Simone Oliveira

“... Toda pessoa sempre é as marcas, das lições diárias de outras tantas pessoas...”¹.

A Escola do “Eu-Sozinho” ou do “Nós entretelas”: experiências formadoras docente, em contexto de pandemia

Buscando o que vem à tona, quando o *‘fazersentirpensar’* vivido em um cotidiano distante daquele conhecido pela escola emerge, surgem sentimentos preenchidos de aprendizagens e de desafios, sobre ensinar e aprender. Estamos falando da docência em tempos de pandemia, sobre recordações-referências, transmutadas em experiências formadoras, “que contam não o que a vida lhes ensinou, mas o que se aprendeu experencialmente nas circunstâncias da vida” (JOSSO, 2002).

Após o decreto da OMS sobre uma pandemia mundial, advinda da contaminação pelo novo coronavírus (COVID -19) [...] instituições de ensino em todo o mundo foram fechadas, gerando dados preocupantes sobre o número de alunos fora da escola. (FRANÇA, 2023, p.43).

A partir desta realidade, houve a demanda de adaptações sobre o fazer escolar, atribuindo “novos significados para a relação com o aluno, bem como ao papel que o professor passou a desempenhar” (FRANÇA, 2023, p. 52). Nesse contexto, o relato de uma docente da educação básica nos ajuda a melhor “visualizar” esses significados:

Quando teve a notícia oficial (da pandemia) eu confesso que não fazia ideia do que ia acontecer. Não imaginava que eu teria que ter um conteúdo para me apresentar ao vivo por vídeo, através de uma tela [...] Foi assustador! Tive que começar a me preparar para um novo modelo, que nunca tinha passado pela minha cabeça [...], eu gravava vídeo de mim mesma e depois eu olhava e chorava (Professora Narradora).

Na pandemia, muitos docentes tiveram sua prática atravessada pelo medo e incertezas. Buscaram alternativas para instituir rotinas e manter a interação no ensino remoto (DA SILVA et al, 2022), algo desconhecido no sentido didático-pedagógico: *“tudo era muito novo, então qualquer coisa que a gente fizesse ia ser diferente para os dois lados, porque não havia parâmetros e o fazer era muito melhor que o nada que a realidade nos colocava”*, ressalta a professora. Seu relato destaca pontos que ressaltam o cotidiano, agora numa *escola entretelas*:

1 Gonzaguinha. Caminhos do Coração. Música pertencente ao LP (12”) “Caminhos do Coração”, Gravadora EMI, 1982. Disponível em <https://www.letras.mus.br/gonzaguinha/280648/> . Acesso em: 08 mar 2023.

passado o susto, nosso objetivo era que os alunos tivessem vontade de estar ali, entendessem a dinâmica. Fomos criando uma rotina e precisamos aprender, de fato, tecnicamente, muitas coisas. Além da técnica, também lançamos mão de outros artefatos, que para ser adaptado ao *online*, foi outro desafio. Inicialmente foi muito ruim... ter uma rotina que a gente não tinha, pensar sobre ela, sem saber como... a gente tinha uma escola do “eu-sozinho”, cada um no seu quadrado, no seu ambiente, nos quadrados da tela, naquele silêncio e sem nos vermos, muitas vezes [...] e não é assim que a gente entende a escola, né... a escola é de encontro, movimento, vivacidade, trocas... (Professora Narradora).

Nessa realidade, da troca entre os docentes surgem apoios, diz a professora: “*conversávamos muito entre nós, professores... nos ajudamos e vimos que, com o tempo, as coisas começaram a funcionar*”. Entretanto, novas realidades se apresentaram no retorno presencial:

essa volta foi mais difícil, quando precisamos nos adaptar ao híbrido, com uma parte da turma presencial e outra online – “*caramba, isso não tem fim!*”. Novos desafios e a grande diferença das redes de apoio. Hoje, estamos vivendo uma situação “aparentemente” normalizada, mas que trouxe muito aprendizado. Tivemos que repensar muito a forma de ensinar [...], sabendo que do outro lado não tinha o olho no olho, tivemos que tentar mil outros modos de fazer com que aquele assunto, aquela aula tivesse significado e isso, de certa forma, segue até hoje (Professora Narradora).

Sabe-se dos impactos causados pela pandemia e das discussões sobre o ensinar. Krenak (2020), referindo-se à pandemia, diz que “se essa tragédia serve para alguma coisa é mostrar quem nós **somos**”. Estamos, talvez, experienciando o que tão bem afirmou Walsh (2017, p. 56): “podemos aprender a desaprender, para aprender de outra maneira em outro lugar”.

Referências

DA SILVA, Erilúcia Souza et al. Uma investigação sobre a percepção de professores com relação ao ensino remoto emergencial de matemática. **Revista Paranaense de Educação Matemática**, v. 11, n. 24, p. 244-266, 2022.

FRANÇA, Simone de Miranda Oliveira. “Vocês me ouvem?”: Narrativas e Saberes Docentes sobre ensinar Matemática remotamente, nos Anos Iniciais, a partir da pandemia de Covid-19. **Projeto de Qualificação de Doutorado**, FFP/UERJ, RJ, 2023.

JOSSO, Marie-Chistine. **Experiências de vida e formação**. Educa Formação, Universidade de Lisboa, PT, 2002.

KRENAK, Ailton. **O Amanhã Não Está À Venda**. Companhia das Letras: 2020

WALSH, Catherine. Pedagogias Decoloniales. In: Gutierrez, T.; Neira, A. (eds.) **Convergências y divergências: hacia educaciones y desarrollo “otros”**. Bogotá: UNIMINUTO/CED, pp. 55-77, 2017.

Sobre a autora

Simone Oliveira é Pedagoga e Mestre em Educação/UFPE. Aluna de Doutorado do PPGEDU – Processos Formativos e Desigualdades Sociais, da Faculdade de Formação de Professores / UERJ e Professora do Departamento de Educação da PUC-Rio.